

VOZ OPERÁRIA

ORGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA BRASILEIRO

nº 125 - Junho de 1976 - Crs 1,00

**XXV Congresso
do P.C.U.S.** : um
marco de luta!

- Artigo de Prestes à pag. 3
- Parte documental à pag. 4

EDITORIAL

Eleições: um não à ditadura

Fracassam visivelmente os intentos da ditadura de atrair para a ARENA, no pleito de novembro, a preferência do eleitorado.

Não renderam os dividendos políticos esperados as promessas demagógicas de «abertura democrática» e de «desenvolvimento social», tantas vezes anunciadas quantas se viram desmentidas pelos fatos. Esvai-se no repúdio popular o empenho maciço do governo e da máquina estatal na propaganda da ARENA, o próprio ditador erigindo-se em cabo eleitoral mór do partido oficial.

Tampouco redundam em benefícios políticos e eleitorais as ameaças e a repressão terrorista levadas à prática por ela contra todos os que se lhe opõem. Aumentam em todo o país os protestos contra o arbítrio e a violência policial e militar, cresce o descontentamento popular com a carestia e os salários de fome, são cada dia mais numerosas as manifestações contra a censura à livre manifestação do pensamento. A resistência e a oposição ao regime ganham amplitude cada dia maior.

Nem as «aproximações do povo» nem as ameaças e a repressão têm evitado que continuem a crescer os indicadores de derrota do situacionismo em novembro próximo, por uma margem de votos que tende a ampliar-se na razão direta do aumento do custo de vida e do cansaço nacional com a falta de liberdade e o espetáculo cotidiano das arbitrariedades e terror policial e militar que já dura doze anos.

A ditadura tem consciência desse seu fracasso, por mais que finja não admiti-lo. E sabe que, em razão do movimento nacional de opinião pública que se levanta contra seus crimes, não pode prolongar por muito tempo ainda a vigência do A1-5 e a capacidade de arbítrio absoluto que este lhe confere. Procura anteciper-se à maré montante das lutas do povo brasileiro pela reconstitucionalização do país, antes que ela atinja um nível que se torne irreversível, entre outras razões pela desagregação que provocar no próprio Sistema.

Seu plano, como já foi denunciado, consiste em obter a vitória em um pleito eleitoral e, alegando ter ao seu lado a maioria da nação, fazer passar por debaixo da mesa uma constituição fascista que consigne em seu texto dispositivos de arbítrio e repressão semelhantes aos do A1-5. Dal porque insiste em dar a estas eleições municipais, como já fizera com a anterior, o significado de um plebiscito de sim ou não ao regime.

Tentou essa manobra em 74, mas foi surpreendida pela derrota nas urnas. Precisa vencer agora, de qualquer forma, nestas eleições de novembro, pois sabe que o tempo trabalha contra ela.

continua à pag. 6



Foto feita durante a grandiosa manifestação promovida pelo Partido Comunista Português em solidariedade aos povos da América Latina. Da esquerda para a direita, Prestes, Secretário Geral do PCB; Alvaro Cunhal, Secretário do PCP e Arismendi, Secretário Geral do PC Uruguio.

Ver matéria à pag. 7

CULTURA

NOVA ETAPA NA LUTA CULTURAL CONTRA O FASCISMO

Apelo aos intelectuais para que participem de maneira organizada na consolidação da Frente Patriótica e Antifascista. Ver matéria à pag. 2

REUNIÃO da O.E.A.: UM INSULTO A DEMOCRACIA!

Posição dos comunistas brasileiros sobre o caráter reacionário desta reunião e sobre as responsabilidades do atual governo brasileiro.

Matéria à pag. 5

DOCUMENTO – Manifesto do PCB ao Povo brasileiro

Um balanço sintético destes doze anos de ditadura. Uma denúncia dos crimes do regime fascista contra a soberania nacional. Mas, antes de tudo, uma conclamação a todos os democratas e patriotas brasileiros no sentido de consolidar a Frente Antifascista e Patriótica. Esta é a essência do manifesto dos comunistas.

À pag. 8

O VOTO É UMA ARMA DO POVO!

Nova etapa na luta cultural contra o fascismo

Para eliminar os instrumentos de que se vale o fascismo em sua batalha anticultural: a repressão e a censura, torna-se cada vez mais imprescindível a participação *organizada* dos intelectuais na consolidação da Frente Patriótica e Antifascista.

A intensificação da luta de massas contra o fascismo em nosso País — que encontrou na vitória eleitoral da oposição em 1974 a sua expressão até agora mais significativa — teve repercussões imediatas também no plano da vida cultural. E, mais uma vez, a costumeira resposta do fascismo não se fez esperar. Incapaz de contrapor ao avanço de uma cultura nacional e democrática até mesmo um arremedo de cultura própria, a ditadura voltou a recorrer — com crescente intensidade — ao mesmo tipo de «ação cultural» de que se tem valido desde o golpe de 1964: à repressão e à censura.

O fato é que o regime fascista implantado no Brasil não foi capaz de criar um movimento cultural próprio, que fosse além da repetição de alguns velhos chavões «patrióticos» e anticomunistas; nem tampouco lhe foi possível mobilizar a seu serviço a atividade de intelectuais representativos. A repressão aberta contra os intelectuais opositores (situados num amplo arco ideológico que vai do cristianismo progressista ao marxismo-leninismo) foi assim praticamente a única base do que se poderia chamar de «política cultural» do fascismo brasileiro. Inclusive a recente tentativa de atrair os intelectuais através de um certo «mecenato» cultural (financiamento de livros e filmes através de órgãos oficiais, publicação de luxuosas revistas de cultura a preços reduzidos, etc.), ainda que possa ter encontrado um relativo êxito junto a algumas figuras pouco representativas, deparou-se com a maciça oposição da camada intelectual em seu conjunto. O que une essa camada intelectual, qualquer que seja a orientação ideológica de seus representantes singulares, é a exigência da mais ampla liberdade de criação; e isso o «mecenato» de Passarinho e de Nei Braga não pode nem de longe tolerar.

Mas, se é verdade que essa «política cultural» (ou anticultural) do regime jamais obteve resultados globais positivos, não se pode negar que durante um curto período — aquele imediatamente subsequente à decretação do AI-5 — ela contribuiu para criar um clima de «vácuo cultural», no qual ao silêncio forçado dos representantes de uma linha cultural progressista correspondeu o aparecimento de tendências «neutralizadoras», desvinculadas das preocupações político-sociais e ideológicas que haviam marcado o período anterior. Correspondendo a uma visão «tecnicista» da cultura, que privilegia os elementos formais em detrimento dos aspectos contedutísticos, essa posição «neutralizadora» não deixava de se relacionar de algum modo com aquela «ideologia da eficiência» que predominou entre os tecnocratas nos anos do chamado «milagre econômico».

Essa situação de confusionalismo ideológico começou a se alterar por volta dos anos 1972-1973. Em todos os campos culturais, embora no interior dos estreitos e sempre flutuantes limites «legais» tolerados pelo regime, começaram a reaparecer fenômenos positivos, voltados para uma discussão concreta dos problemas vividos pelo povo brasileiro. No terreno das ciências sociais, por exemplo, assistimos a um intenso debate acerca do caráter oligárquico e antinacional dos «modelos» político e econômico implantados pela ditadura (basta recordar, entre outros, os trabalhos de Celso Furtado, F.H. Cardoso e N.W. Sodré). No campo da criação artística, retomava-se com coragem uma tendência realista orientada para a figuração crítica da realidade nacional; no teatro, surgiram peças importantes, como **Um grito parado no ar**

continua à pag. 5

Comarada Hermogeneo: PRESENTE!

A 14 fevereiro deste ano, faleceu HERMOGENEO DA SILVA FERNADES, velho líder operário e um dos nove delgados que, em 25 de março de 1922, no Congresso Comunista de Niterói, fundou o nosso Partido.

Toda a sua vida é uma trajetória de lutas na defesa dos interesses de sua classe, e de todo o povo trabalhador brasileiro. Nascido a 19 de abril de 1886, no Rio de Janeiro, já na sua juventude participava ativamente dos movimentos operários controlados pelo anarco-sindicalismo.

Em 1917, meses antes da Grande Revolução Russa, organizou e liderou a primeira greve dos operários da Estrada de Ferro Sul Mineiro de Viacão reivindicando salários atrasados. Greve que se encerra vitoriosa, e que de cujo Comitê dirigente sai a primeira organização operária de Cruzeiro, a União Operária 1º de Maio.

Em 1919, depois de haver mobilizado seis greves, Hermogeneo e seus companheiros foram presos, e a União foi fechada pela polícia. Mas sob a inspiração da Revolução de Outubro, vários grupos comunistas se formaram em distintas cidades do país, sendo Cruzeiro uma delas. Seu grupo era o que tinha núcleo na União.

Unindo os operários da Estrada de Ferro aos trabalhadores de centros industriais de regiões vizinhas, é ainda Hermogeneo que vamos encontrar na fundação de uma organização de classe denominada «23 de Agosto», em homenagem a Sacco e Vanzetti, imigrantes italianos, conhecidos por suas convicções políticas, e condenados pela «justiça» americana depois de terem sido fraudulentamente envolvidos em um crime.

Organizador de várias greves, líder incontestado de seus irmãos de classe, Hermogeneo termina sendo escolhido como o delegado de Cruzeiro e adjacências para o Congresso de Niterói onde, junto a mais outros oito delegados, se organizam em caráter nacional os diversos grupos comunistas nascidos em pontos distintos do país, e se firmam as bases definitivas do Partido Comunista Brasileiro.

Dai em diante, a vida de Hermogeneo se identifica com a história de lutas gloriosas da classe operária brasileira e de seu partido de vanguarda. Uma história que, mais cedo do que pensam os esbirros que oprimem nosso povo, e tentam liquidar nossa cultura, será contada como a única verdadeira, porque é a história dos que produzem as riquezas da nossa Nação.

Ao camarada HERMOGENEO, que se junta aos nossos heróis caídos no caminho, a nossa eterna homenagem.

FIM À CENSURA E AO TERROR FACISTA!

XXV Congresso do P.C.U.S.: Um marco de luta

Uma obstinada determinação de lutar pela consolidação da paz e segurança em todas as regiões do mundo, aliada a uma manifestação concreta de fidelidade aos princípios do internacionalismo proletário onde a solidariedade com os povos que lutam pela independência nacional, a democracia e o socialismo, ocupa um lugar de honra. Assim se pode sintetizar a política internacional do Partido Comunista da União Soviética.

■ Impressões gerais de Luis Carlos Prestes, Secretário-Geral do PCB, que chefiou a delegação dos comunistas brasileiros ao XXV Congresso. (b pag. 3)

■ Parte do relatório do Comitê Central do Partido Comunista da União Soviética, concernente a Situação Internacional, lido pelo Secretário-Geral Leonid Brejnev por ocasião do XXV Congresso. (a pag. 4)

Impressões Gerais

Por **Luis Carlos Prestes**

Em fevereiro do corrente ano, realizou-se o XXV Congresso do Partido Comunista da União Soviética. Nele, os comunistas soviéticos puderam proclamar os grandes êxitos alcançados pelo povo soviético nos últimos cinco anos com a elevação ininterrupta da produção material, bem como da produtividade do trabalho. Na União Soviética foi alcançado um novo e mais alto nível na construção da base material e técnica do comunismo. Eleva-se o poderio econômico e a capacidade militar defensiva do Estado Soviético e, simultaneamente, o nível de vida material e cultural do povo soviético. Avançou-se consideravelmente na prática da democracia socialista e passos importantes foram dados na formação espiritual e moral do novo homem do futuro, da nova sociedade comunista.

Os comunistas soviéticos puderam, em seu XXV Congresso, assinalar com justo orgulho as grandes vitórias alcançadas no terreno da política externa do governo soviético. Vitórias que se devem fundamentalmente à tradicional política leninista de paz e de luta pela coexistência pacífica entre Estados de regimes sociais diferentes, conseqüentemente posta em prática pelo Partido Comunista e que fôra formulada, há cinco anos atrás, no Programa de Paz do XXIV Congresso. Programa cujo acerto e realismo foi comprovado por acontecimentos tão marcantes, como a vitória do povo vietnamita e demais povos da Indochina e pela realização da Conferência de Helsínki, onde todos os povos e governos da Europa firmaram o compromisso solene de cooperar para a paz e a segurança no continente europeu. No mundo inteiro avançou-se consideravelmente no sentido da substituição da política de «guerra fria» pela da crescente distensão internacional.

— Avanço Real —

Como teve ocasião de dizer o camarada Brejnev da tribuna do Congresso, «o mundo transforma-se literalmente a nossos olhos, transforma-se para melhor». Palavras que refletem o otimismo revolucionário dos comunistas, que se baseia na análise concreta do que se passa no mundo, onde é cada dia maior a parcela dos que rompem com o capitalismo. Contraí-se a esfera de domínio do imperialismo e não há forças que possam conter o avanço revolucionário dos povos no caminho da independência, da liberdade e do progresso social. À frente dessa luta está o povo soviético que aponta aos povos do mundo inteiro o futuro luminoso da nova sociedade livre da exploração do homem pelo próprio homem.

Todos que participaram do XXV Congresso do PCUS, particularmente as delegações fraternais, entre elas a do Partido Comunista Brasileiro, que tive a honra de dirigir, puderam verificar, mais uma vez, o elevado espírito internacionalista dos comunistas soviéticos. Esta foi uma característica essencial do Congresso, aquela que lhe deu seu principal significado mundial. «Os comunistas soviéticos — disse o camarada Brejnev — estimamos que a defesa do internacionalismo proletário é um dever sagrado de cada marxista-leninista».

Expressão prática dessa firme posição internacionalista dos comunistas soviéticos está no apoio seguro que sempre deu o povo soviético e seu governo a todos os povos que lutam contra a opressão imperialista e pelo progresso. Da tribuna do Congresso ecoaram as palavras de reconhecimento pronunciadas, entre outros, pelos delegados do Vietnã, de Cuba e de Angola, todos ressaltando o apoio firme e desinteressado dos comunistas, do povo e do governo da União Soviética. A Declaração de solidariedade aos perseguidos pelo imperialismo, a reação e o fascismo, unânimemente e entusiasmadamente aprovada pelo XXV Congresso do PCUS, é mais um testemunho do internacionalismo militante dos comunistas soviéticos.

O XXV Congresso do PCUS foi, na verdade, acontecimento de repercussão mundial, que abre para todos os povos novas e promissoras perspectivas para a luta que travam pelo progresso social. As gigantescas tarefas a que se lança o povo soviético com base nas diretrizes aprovadas para o décimo Plano Quinquenal entusiasma a todas as pessoas progressistas, que vêem na União Soviética o baluarte da paz e a garantia mais segura contra as ameaças do imperialismo, da reação e do fascismo.

Para os comunistas brasileiros, na dura e difícil luta que hoje travam, à frente da classe operária e do povo, contra o fascismo, pela completa independência nacional e o progresso social, o Congresso dos comunistas soviéticos apresenta-se como um poderoso foco de luz que lhes aponta o caminho a seguir, que lhes revela a certeza na vitória dos nobres e elevados ideais por que lutam — a liberdade, a independência nacional, a democracia, o socialismo e o comunismo. Tanto o Informe apresentado pelo camarada Brejnev, como as resoluções aprovadas e demais materiais do Congresso trazem poderosa contribuição à luta ideológica que sustentamos os comunistas em nossa terra contra os fascistas brasileiros e seus amos norte-americanos. Na luta ideológica contra os que querem enganar o povo com as calúnias e mentiras de que a União Soviética pretende solucionar seus problemas à custa de outros povos ou atacando uma nova guerra mundial, contra aqueles que tanto falam em ameaça do «comunismo internacional», temos no estudo atento dos documentos do XXV Congresso dos comunistas soviéticos uma nova e poderosa arma.

É necessário aqui agregar que, após o XXV Congresso do PCUS, já se realizaram mais três importantes Congressos — o XI Congresso do Partido Comunista Búlgaro, o XV Congresso do Partido Comunista da Tchecoslováquia e o IX Congresso do Partido Socialista Unificado da República Democrática Alemã. Em todos eles tive a honra de dirigir a delegação fraternal do PCB e de transmitir as saudações fraternais calorosas dos comunistas brasileiros aos nossos camaradas e amigos da Bulgária, Tchecoslováquia e República Democrática Alemã.

Naqueles três países, apesar da diversidade que entre eles existe no que diz respeito ao caminho que trilham seus povos na construção do socialismo avançado, os comunistas em todos eles voltam-se para e rica experiência do povo soviético e para a luz que emana do XXV Congresso do PCUS e manifestam igual unidade de propósitos com os comunistas soviéticos, todos eles lutam pela crescente unidade da comunidade socialista e pela maior coesão e unidade do movimento comunista internacional. As resoluções e demais materiais desses três Congressos contêm igualmente um rico acervo de experiências, cujo conhecimento e estudo é de grande utilidade para a luta de nosso povo contra o fascismo e pelo progresso social.

VOTAR CONTRA O REGIME!

Parte do relatório sobre a situação internacional apresentado pelo camarada Brejnev durante o XXV Congresso.

Camaradas, analisando a situação geral e a do nosso país no âmbito mundial, o CC do nosso partido chega à conclusão de que **a luta pela paz, a liberdade e a independência dos povos requer hoje avançar, em termos imediatos, no cumprimento das seguintes tarefas:**

— Fortalecendo incessantemente a unidade dos Estados socialistas irmãos e fomentando sua cooperação múltipla na edificação da nova sociedade, aportar todos ainda mais ao fortalecimento da paz.

Carreira armamentista

— Procurar terminar com a crescente carreira armamentista, perigosa para a paz, e a redução dos armamentos acumulados existentes, a passagem ao desarme. Com este fim:

a) fazer todo o possível para a preparação de um novo convênio entre a URSS e os EEUU sobre a limitação e redução dos armamentos estratégicos; para concluir tratados internacionais sobre o cessamento geral e completo dos ensaios de armas nucleares; sobre a proibição e destruição das armas químicas; sobre a proibição de criar novos sistemas e tipos de armas de extermínio massivo e também de alterar o meio ambiente com fins militares e outros objetivos hostis.

b) empreender novos esforços para ativar as negociações sobre a redução de tropas e armamentos na Europa Central. Uma vez alcançado o entendimento sobre os primeiros passos concretos neste sentido, continuar nos anos seguintes o trabalho de «détente» militar na mencionada região.

c) operar no sentido de que o constante incremento de gastos militares de muitos países seja substituído pela prática de sua redução sistemática.

d) adotar todas as medidas necessárias para a convocação, com a maior urgência, da Conferência mundial de desarmamento.

Paz é a meta

— Concentrar os esforços dos países concernentes para a paz e a extinção dos focos de guerra existentes, antes de tudo para lograr chegar a uma solução justa e duradoura no Oriente Médio. A este respeito, os países correspondentes estudarão a maneira de contribuir ao cessamento da carreira armamentista no Oriente Médio.

— Fazer todo o necessário para que seja mais efetiva a «détente» internacional, para elaborá-la em formas concretas de cooperação reciprocamente vantajosas entre os Estados. Orientar-se com empenho para o cumprimento da Ata Final da Conferência Européia, e ao desenvolvimento da cooperação pacífica no continente. Coerente com os princípios da coexistência pacífica, seguir impulsionando consequentemente as relações de colaboração mutuamente proveitosas, e duradouras, com os Estados Unidos, França, RFA, Grã-Bretanha, Itália, Canadá, Japão e outros países capitalistas, em distintas esferas — política, economia, ciência e cultura.

— Buscar um clima de segurança na Ásia, baseando-nos esforços conjuntos dos Estados deste continente.

— Propiciar a conclusão de um tratado mundial que prescreva o uso da força nas relações internacionais.

— Considerar como uma das tarefas internacionais mais importantes a liquidação total dos vestígios do sistema de opressão colonial, de desprezo à igualdade dos direitos e à independência dos povos, dos focos de colonialismo e racismo.

— Conseguir que se ponha fim à discriminação, que se superem todas as barreiras artificiais no comércio internacional, e que se eliminem das relações econômicas internacionais todas as manifestações de desigualdade, imposição e exploração.

Conclusões

Estas são, portanto, camaradas, as tarefas principais que — estamos convencidos — de-

vem ser resolvidas nos tempos atuais, com vistas à paz e à segurança dos povos, com vistas ao progresso da humanidade. Pensamos que estas propostas são uma continuação orgânica e um desenvolvimento do Programa de Paz formulado por ocasião do XXIV Congresso do partido. São o **programa de luta permanente pela paz e a cooperação internacional, pela liberdade e independência de todos os povos.** Orientamos a política exterior de nosso país voltados para o cumprimento destas tarefas, e cooperaremos para isto com os outros países interessados na paz.

Permitam-me expressar-lhes a certeza de que os nobres objetivos de nossa política internacional encontrarão ampla compreensão e o apoio de todas as forças amantes da paz e do progresso; de todas as pessoas honestas do planeta.

O PCUS E O PROCESSO REVOLUCIONÁRIO MUNDIAL

Camaradas: Vivemos numa época de profundas modificações sociais. Prosseguem robustecendo-se e ampliando-se as posições do socialismo. As vitórias dos movimentos de libertação abrem novos horizontes aos países que conquistaram a independência. Acentua-se a luta de classe dos trabalhadores contra a opressão dos monopólios, contra os regimes exploradores. O movimento democrático revolucionário, antimperialista, torna-se cada dia mais amplo. Tudo isto em conjunto implica no desenvolvimento do processo revolucionário mundial.

Tal é o impetuoso avanço da história. Ao processo revolucionário incorporam-se novas gerações e setores sociais, novos partidos e organizações. Está acontecendo justamente o que Lenin escreveu em sua época: «A medida em que os homens fazem a história, ampliando sua obra, deve crescer também a massa da população que a forja de maneira consciente» (Obras Completas, t. 2, pgs. 539-540).

O desenvolvimento dos países socialistas, o aumento de

seu poderio e a crescente influência de sua política internacional é o que constitui hoje a direção principal do progresso social da humanidade. A força de atração do socialismo avolumou-se ainda mais com o resultado da crise dos países capitalistas.

O XXIV Congresso do nosso partido assinalou que «a adaptação às novas condições não supõe a estabilização do capitalismo como sistema. A crise geral do capitalismo continua aprofundando-se». Os acontecimentos dos últimos anos constituem uma rotunda confirmação de sua justez.

.... «Um dos fenômenos mais significativos do lustro transcorrido foi o aumento da influência dos partidos comunistas no mundo capitalista. O número de seus militantes cresceu de quase um milhão, dos quais uns quatrocentos mil correspondem à Europa Ocidental. É muito maior o número de eleitores que votam pelos comunistas nas eleições parlamentares e municipais».

.... «Reunidos em nosso Congresso, os comunistas soviéticos enviamos uma combativa saudação e votos de êxito a nossos camaradas e correligionários do estrangeiro. *Dirigimos nossa mensagem de solidariedade em primeiro lugar aos comunistas que batelham nas duras condições de clandestinidade. Nos dirigimos a todos os combatentes pela causa dos trabalhadores, aos que arriscam a vida a cada dia e, enfrentando todo tipo de provas, guardam fidelidade a seus ideais e a seu dever. Nas masmorras e campos de concentração do Chile, Uruguai, Paraguai, Indonésia, Brasil, Guatemala, Haiti, África do Sul e outros países encontram-se presos centenas e milhares de combatentes pela liberdade. São muitos os comunistas que deram a vida pela revolução.*

.... «Quisera propor em nosso Congresso que se erija em Moscou um monumento em memória dos heróis do movimento comunista e operário internacional, dos abnegados lutadores pela felicidade do povo caídos nas mãos do inimigo de classe. Será um símbolo de fidelidade eterna de nosso partido à magna causa do internacionalismo proletário».

O POVO EXIGE DEMOCRACIA, PAZ E LIBERDADE!

Reunião da OEA em Santiago: um insulto à democracia

Visitas de Kissinger e de Simon. Pronunciamentos dos militares reacionários do continente na reunião dos chefes de exércitos em Montevideu. Esforços para a criação de um Pacto do Atlântico Sul que coloque as nossas Forças Armadas de mãos dadas com os regimes racistas e imperialistas da África. Este é o contexto em que o governo brasileiro apoiou a reunião da OEA em Santiago do Chile.

M. SILVA

A realização da reunião da Organização dos Estados Americanos em Santiago do Chile não pode ser uma razão de espanto para os democratas da América Latina. Escolher Pinochet — assassino de Allende e carcereiro de Corvalán — como anfitrião, é um ato coerente na história desta organização internacional que pautou toda a sua evolução em uma dependência absoluta aos ditames do imperialismo norte-americano. Uma organização desmoralizada e desprestigiada pelos governos democráticos do continente (contradição, no entanto, que não modifica sua essência atual), derrotada na tentativa de isolar Cuba — que dela foi expulsa graças a um voto comprado em dólar sonante ao então proprietário do Haiti, o sinistro Papa Doc Duvalier — e permanentemente voltada para a criação de blocos militares a serviço do imperialismo e das oligarquias latino-americanas, é o que de mais suave se pode dizer da OEA atualmente, em termos de definição.

Outro fato importante a remarcar é que a reunião de Santiago vem depois da viagem de Kissinger — quando o papel de gendarme que o imperialismo norte-americano empresta ao regime brasileiro é pública e oficialmente confirmado — e do secretário do Tesouro dos EUA, Simon; depois da reunião dos comandantes de exércitos, em Montevideu, onde se retomam todas as teses reacionárias e imbecis do período da guerra fria. E, principalmente, depois que a concepção de formar um Pacto do Atlântico Sul com vistas a unir militarmente os comandos reacionários do Brasil às tropas racistas da África do Sul, obtém o apoio do Uruguai e de setores das Forças Armadas argentinas. Enfim, um pacto que tenta nos imiscuir com o que há de mais despre-

sível, de mais contestado, pelas expressões democráticas do mundo todo.

Nossa posição

A posição dos comunistas brasileiros é muito clara. Por sermos inteiramente partidários da criação de um clima de paz e segurança para todos os povos — quadro que só beneficia o desenvolvimento das forças do progresso, da democracia — consideramos muito importante a ação dos organismos internacionais, até quando sejam tribunas para a manifestação de pontos de vista distintos sobre as formas de estabelecer a cooperação e a amizade. Neste sentido, apreciamos a existência da ONU, hoje alvo das forças reacionárias internacionais. Mas não podemos nos identificar com organizações cujo objetivo atual seja exatamente o oposto, tal como a OEA de nossos dias. E se é verdade que os comandos reacionários das nossas Forças Armadas estão inteiramente de acordo em nos transformar em polícia de outros povos, tentando impedir sua independência do imperialismo, também não é menos verdade que esta não é a ideologia do grosso das tropas — oficiais, sargentos e praças — como demonstram alguns resultados regionais expressivos das eleições de 1974.

E' a esses militares que os comunistas se referem em seus documentos, conclamando-os a compreenderem a falsidade dos conceitos de segurança nacional atualmente vigentes e contrários às nossas tradições democráticas. Segurança Nacional verdadeira é a que se baseia na unidade de interesses de todo o povo trabalhador e não na defesa dos privilégios dos monopólios multinacionais que o explora.

continuação da pag. 2

de Guarnieri e Gots D'Água de Paulo Pontes e Chico Buarque; no cinema, **São Bernardo** de León Hirshman assinala um retorno ao filme mais fecundo do «cinema novo»; na literatura, **Dentro da Noite Veloz** de Ferreira Gullar recoloca a validade de uma autêntica poesia social, ao mesmo tempo em que as tendências formalistas e estruturalistas vêm-se combatidas por críticos de variadas orientações ideológicas.

Todos esses fenômenos são apenas alguns dos exemplos (certamente dos mais significativos) de um vasto movimento de retomada cultural, através do qual os intelectuais se põem em sintonia com o renascimento do espírito de luta de todo o povo brasileiro. Isso atesta que o mundo da cultura continua a ocupar o seu destacado papel na preparação e na consolidação ideológicas da frente patriótica e antifascista que está chamada a derrubar a ditadura.

Essa retomada da luta cultural democrática, ainda que se processe após o anúncio da «distensão», encontra da parte do regime a mesma resposta de sempre: ao invés da proclamada «abertura», assistimos a uma sistemática política de repressão e de censura contra os meios intelectuais. Uma nova onda de prisões de alunos e professores é o único recurso de que se vale a ditadura para tentar abafar o ressurgimento do debate no interior das universidades. Aumenta a censura contra a imprensa (particularmente violenta em relação à chamada «imprensa nãica», que é na verdade a única imprensa legal de oposição no País), ao mesmo tempo em que se abate sobre os jornalistas uma repressão como talvez não se assistisse desde 1964. Du-

rante o ano de 1975, mais de 200 livros são proibidos pelo Ministério de Justiça, que instaura processos judiciais contra autores, editores e livreiros. Nem mesmo a televisão, notoriamente a serviço dos grupos monopolistas que ocupam o poder, escapa a esse assalto inquisitorial, chefiado por esse diligente discípulo de Goebbels que é Armando Falcão: a telenovela **Roque Santeiro** de Dias Gomes é inteiramente censurada, sendo também proibida a exibição do Balé Bolshoi. No teatro, no cinema e na música popular, o quadro não é diverso. A qualquer sintoma de um autêntico debate cultural, Falcão responde como seu velho colega alemão: «quando ouço falar de cultura, sacio imediatamente a pistola».

Essa nova onda de terror cultural e ideológico, todavia, encontra a intelectualidade numa firme e decidida posição de resistência. A reação unitária dos intelectuais quando do assassinato do jornalista Vladimir Herzog assinala um novo marco na luta que há doze anos opõe o mundo da cultura à ditadura fascista. Os artistas e pensadores já tomaram consciência de que não é suficiente produzir obras de alto valor, que representem objetivamente a realidade e, desse modo, desmistifiquem a ideologia fascista. Para que essas obras possam chegar ao público e ser debatidas, desempenhando assim a sua função social ou estética, é preciso eliminar os instrumentos de que se vale o fascismo em sua batalha anticultural: a repressão e a censura. E essa eliminação requer, cada vez mais, a participação **organizada** dos intelectuais no consolidamento da frente patriótica e antifascista, que tem entre suas bandeiras de luta o estabelecimento da mais ampla liberdade de criação, de crítica e de expressão.

LIBERDADE PARA OS PRESOS POLITICOS!

EDITORIAL

continuação da pag. 1

Consciente de que não pode ganhar em jogo limpo, democrático, a ditadura recorre em medida crescente aos expedientes sujos para dificultar a propaganda dos candidatos oposicionistas e esvaziar a campanha eleitoral. Um deles é a ameaça de Geisel, contida em sua Mensagem deste ano ao Congresso Nacional, de não permitir o que denomina de «contestação» do regime, ficando a seu critério o que isto possa significar ou em que possa diferir da oposição e crítica, indispensáveis em qualquer campanha eleitoral.

As cassações recentes de mais três parlamentares do MDB enquadram-se nitidamente nessa manobra da ditadura. Elas visam a atemorizar as forças de oposição e a lançar o desânimo e o pessimismo entre os eleitores que votarão no MDB. Pretende também limitar a propaganda eleitoral ao debate dos problemas estritamente municipais. Mas o próprio caráter plebiscitário dado pela ditadura ao pleito deste ano, coloca diante dos eleitores a necessidade e o dever de debater os grandes problemas nacionais, relativos principalmente às liberdades democráticas, à miséria dos trabalhadores, à defesa da soberania nacional.

A ditadura procura também atemorizar as forças de oposição. Reúne para tanto, ostensivamente, os secretários de segurança e ameaça tomar novas medidas de repressão. E, com a cassação de parlamentares do MDB, visa a lançar o desânimo entre os eleitores que votarão no MDB. Quer fazê-los acreditar ser inútil votar num candidato que «deve» ser cassado logo depois; quer induzi-los assim a votarem em branco ou a anularem o voto com um xingamento qualquer, à guisa de manifestação de protesto. Com esse expediente, calcula o governo assegurar à ARENA a maioria dos votos válidos depositados nas urnas e poder proclamar que a maioria da nação está ao seu lado.

Não por acaso, as últimas cassações incidiram precisamente sobre representantes do Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul. Juntamente com São Paulo, eles formam não só os três Estados mais importantes da Federação — econômica, política e socialmente falando — mas igualmente aqueles onde é mais forte a tendência oposicionista da população e numericamente decisivo o colégio eleitoral.

Não é uma atitude nova da ditadura. Uma de suas constantes nestes doze anos de existência tem sido o empenho em marginalizar o povo da vida política do país, impedir que ele influia na formação do poder e na elaboração e condução da política nacional. Eliminou sua participação na escolha do presidente da República, dos governadores dos Estados, dos prefeitos das capitais e de dezenas de outras cidades. Opõe toda sorte de obstáculos e restrições à sua participação na escolha dos parlamentares e dos prefeitos das cidades restantes.

O novo, neste momento, é que o regime presente que não tem condições de sair ileso de uma reedição da derrota de 74. Uma nova vitória eleitoral da oposição este ano, nas condições do crescente descontentamento nacional reinante, vai liberar enorme potencial democrático e patriótico de nosso povo ainda adormecido ou indeciso, e alargar amplamente as divergências e divisões já existentes no seio do regime, com profundas repercussões em suas

fontes de sustentação no exterior e entre os povos vizinhos do Continente.

Derrotar a ditadura nestas eleições passa a ser, por essa razão, o principal dever político do povo brasileiro neste ano. Sem prejuízo das lutas por seus interesses setoriais, realizada nos campos que lhes são próprios, é para a derrota eleitoral da ditadura que devem convergir os esforços e somarem-se as forças de todos quantos desejam mudanças progressistas no país. Obrigar Geisel a cumprir o calendário eleitoral e respeitar a liberdade de propaganda, levar para o debate em praça pública os grandes temas nacionais, notadamente o das liberdades políticas, e inflingir nas urnas uma esmagadora derrota ao regime — eis aqui um programa objetivo e concreto para a ação política de todos aqueles que desejam libertar o país do pesadelo fascista.

Chamamos a todos os trabalhadores, aos estudantes e intelectuais, às donas de casa, que são as maiores vítimas da carestia e das arbitrariedades da ditadura, aos jovens, que pela primeira vez vão fazer agora o uso do direito de votar, a participarem ativamente da campanha eleitoral e a votarem contra a ditadura. Dirigimo-nos sobretudo aos militares descompromissados com os crimes da ditadura — e que constituem, além da imensa maioria dos soldados, a parcela mais numerosa dos sargentos e oficiais das Forças Armadas — a votarem contra o A1-5, contra as violências da ditadura, em defesa da soberania nacional e das riquezas da nação, em defesa do monopólio estatal do petróleo, votando contra os candidatos da ARENA. É à sombra dos militares que o regime se abriga para cometer suas felonias contra a Nação e sem o apoio dos quais a ditadura não tem condições de sobreviver.

Cabe aos comunistas, como a todos os patriotas e democratas, a todos os antifascistas, o dever de atuar junto aos trabalhadores, chamando-os a participarem ativamente da campanha eleitoral e das eleições municipais do corrente ano. É necessário não poupar esforços para esclarecer a todos os eleitores para que não se deixem enganar pelas manobras políticas da ditadura nem intimidar pelos seus atos de força. A cassação de mandatos dos mais legítimos representantes do povo não reflete força, mas a fraqueza e o desespero da ditadura. Não é com a abstenção ou com o voto nulo ou em branco que se dará a justa resposta aos opressores. Mais do que nunca, é necessário votar contra os candidatos da ARENA, derrotar o partido do governo, utilizar o voto como arma de luta, fazer das eleições municipais manifestação de protesto, um passo importante no sentido da unificação de vontades de todas as forças patrióticas e antifascistas, de todos que são contrários ao A1-5 e à repressão policial, à política de fome para o povo e de entrega aos monopólios estrangeiros do petróleo e demais riquezas do país, à corrida armamentista, à bomba atômica e à política de agressão e ameaças aos povos vizinhos. Derrotar a ditadura nas urnas será impedi-la de consolidar, como deseja, em nome do povo, o atual regime militar-fascista.

IMPORTANTE

É imprescindível para a luta da classe operária e de todo o povo brasileiro, a divulgação clandestina de Voz Operária.

LEIA V.O. E PASSE PARA A FRENTE!

ABAIXO ADITADURA MILITAR FASCISTA!



Neste comício, ponto alto de um programa de cinco dias de contatos permanentes com a classe operária, com os estudantes e com os profissionais liberais comunistas e progressistas, o camarada Prestes pronunciou o seu discurso, interrompido inúmeras vezes pelos aplausos e manifestações de solidariedade com o nosso povo.

Ressaltou inicialmente que a sua saudação inicial vinha não somente em nome do Comitê Central do PCB, dos seus militantes, mas também da classe operária, e demais forças progressistas do Brasil.

Manifestou seu júbilo pela oportunidade de conhecer as conquistas da Revolução democrática que os comunistas portugueses tão bem têm sabido defender das investidas do imperialismo e seus agentes internos. «Porque, meus amigos, como comprova a experiência mundial do proletariado — disse Prestes — não basta fazer a Revolução. É necessário também saber defendê-la. E nos dois anos decorridos desde a queda do fascismo, já, por mais de uma vez, haveis enfrentado com decisão e firmeza, com audácia e entusiástica iniciativa popular, as tentativas dos inimigos da liberdade, dos senhores dos monopólios internos e

externos, dos fascistas e saudosistas, como também da CIA — esse centro infame de conspiração internacional, capaz de todos os crimes». E acrescentou: «Sabemos, como sabe o mundo inteiro, que à frente desses combates tem estado sempre a classe operária e sua vanguarda marxista-leninista, o grande e heróico Partido Comunista Português, que saudamos com entusiasmo e fraternal carinho».

A seguir, Prestes analisou a importância da Revolução Portuguesa no quadro internacional, assim como a da libertação e definitiva afirmação de Guiné-Bissau, Moçambique e Angola. Para iniciar, então, o seu informe sobre o processo político brasileiro, as lutas crescentes do nosso povo, e a consequente repressão desencadeada sobre sua vanguarda, o Partido Comunista Brasileiro.

Brasil hoje

Prestes falou da luta permanente da classe operária, por melhores salários; dos camponeses, pela defesa da terra de onde estão sendo expulsos pelas grandes empresas capitalistas; das

greves dos estudantes por suas reivindicações e em protesto contra o terror e a tortura; das manifestações dos intelectuais contra a censura à imprensa, à literatura, às artes. Lembrou ainda as sucessivas intervenções de representantes do clero na defesa das liberdades democráticas, contra as prisões arbitrárias, contra a tortura e o assassinato de presos políticos.

Explicou que este quadro de lutas se dá num contexto de crise econômica e política do regime fascista, posto permanentemente em xeque depois da esmagadora derrota sofrida nas eleições de 74. Mostrou, a seguir, os perigos deste regime não só para o povo brasileiro, mas também para os povos vizinhos, em função da sua crescente militarização.

Mas deixou claro que esta crescente militarização, que a agressividade terrorista desenvolvida contra os democratas, longe de diminuir a intensidade da resistência, elevou-a ainda mais. O que começa a fazer surgir uma série de contradições no seio do regime, e que serão ainda mais evidenciadas na medida em que o povo imponha novamente sua voz de protesto nas próximas eleições municipais de novembro.

FIM À TORTURA E AO TERROR FASCISTA!

MANIFESTO DO PCB AO POVO BRASILEIRO

«Há doze anos que os generais se sucedem no poder em nosso País. São doze anos de opressão e de miséria crescente para os trabalhadores, de lucros cada vez maiores para os grandes capitalistas brasileiros e estrangeiros. São doze anos de crescente entrega aos monopólios imperialistas das riquezas nacionais e de desnacionalização cada vez maior da economia brasileira.

«Com a escalada do fascismo, consolidou-se em nosso País o poder econômico e político dos monopólios nacionais e estrangeiros. Foi nos quadros do fascismo que se desenvolveu o tão propagado «milagre econômico brasileiro», quer dizer, o aumento da produção em benefício dos monopólios, à custa da superexploração da classe operária e demais trabalhadores. Com ele, baixou consideravelmente o salário real dos trabalhadores, empobreceram os mais amplos setores das camadas médias urbanas, acentuou-se a miséria indizível dos camponeses. Foi prolongada a jornada de trabalho. E, agora, com o fim do «milagre», cresce o desemprego e aumenta a carestia de vida. Agrava-se o estado sanitário da maioria da população, privada de socorro médico e, cada vez mais, impossibilitada de adquirir os medicamentos de que necessita.

«Esta a situação em que se encontra a Nação sob o governo do sr. Ernesto Geisel. Nos dois anos de seu governo, cresceu a miséria dos trabalhadores, assumiram proporções sem precedentes as concessões

aos monopólios imperialistas, intensificou-se a opressão policial e militar contra todos que levantam sua voz contra a política antipovo e de traição nacional do regime militar fascista.

Crime contra a Nação

«Coube ao governo do sr. Geisel cometer o maior crime contra a soberania nacional, ao autorizar a assinatura pela Petrobrás dos chamados contratos de risco. Medida que significa o fim do monopólio estatal do petróleo — conquista gloriosa do povo brasileiro — e que não poderá senão agravar a submissão do País ao imperialismo.

«Com o governo do sr. Geisel intensificou-se a tortura e o assassinio de presos políticos. Contam-se já às dezenas os patriotas e democratas que foram sequestrados e assassinados pelos órgãos de repressão. Somam milhares os que estão presos, torturados e condenados a anos de prisão. Coube também ao sr. Geisel a iniciativa de voltar a aplicar o Ato Institucional n.º 5, para cassar o mandato de parlamentares e ameaçar, assim, a todos os eleitos pelo voto popular.

«Contra essa política de venda-pátria e de total arbítrio, cresce, porém, o repúdio popular. São as mais amplas camadas da população brasileira que se pronunciam contra a ditadura militar-fascista, reclamam a abolição do Ato Institucional n.º 5 e dos demais atos institucionais, do decreto-lei 477; a elevação do nível de vida dos trabalhadores e a defesa da so-

berania nacional. Posição que se expressou concretamente nas eleições parlamentares de novembro de '74. Mesmo nas Forças Armadas cresce o repúdio ao arbítrio e aos crimes da ditadura como revela a substituição do general comandante do II Exército, com sede em S. Paulo, onde os métodos de tortura e assassinio de presos políticos mais se acentuou. Nova e importante vitória das forças democráticas e patrióticas que mostra ser possível impor derrotas à ditadura, e obrigá-la a recuar.

Unir para vencer

«Os comunistas brasileiros encontram-se nas primeiras filas dos combatentes contra o fascismo, da luta pelas liberdades e em defesa da soberania nacional, contra a entrega do petróleo e demais riquezas da Nação aos monopólios imperialistas. Essa a razão da histeria anticomunista do regime fascista, que faz do nosso Partido — o glorioso Partido Comunista Brasileiro — o alvo principal de sua política de repressão.

«Inúmeros dirigentes e militantes comunistas já tombaram heroicamente na luta contra a tirania. Mas novos combatentes os substituem, ingressando diariamente nas filas do nosso Partido.

«O Comitê Central do PCB, que se reuniu recentemente na mais rigorosa clandestinidade, conclama a todos os patriotas e democratas a unir suas forças em ampla frente única antifascista e patriótica, para assim intensificarmos, todos juntos, a

luta pelas liberdades democráticas, contra a miséria e a fome, em defesa da soberania nacional, pelo isolamento e consequente derrota da ditadura.

«Nessa luta contamos com a solidariedade de todos os povos amantes da paz e que combatem pelo progresso social, em especial os povos irmãos dos países vizinhos. Porque o fascismo brasileiro não ameaça apenas a vida e o futuro do nosso povo, mas a paz e a segurança dos povos vizinhos da América Latina e África. O Brasil é, presentemente na América Latina, o país que faz maiores despesas de caráter militar. Trata também a ditadura brasileira de possuir armamento nuclear, de ficar em condições de fabricar a bomba atômica. Este o sentido principal do acordo nuclear que assinou com a Alemanha Ocidental. Mais um crime contra o povo.

«É para derrotar o fascismo que os comunistas conclamam a todos os democratas e patriotas a defender os mandatos populares contra a ameaça de cassações, a defender o calendário eleitoral em vigor, e a participar ativamente das eleições marcadas para o corrente ano, transformando o voto popular em arma de protesto e de luta contra a política da ditadura. A campanha eleitoral e o voto popular podem e devem ser instrumentos de luta política, de aglutinação das forças antifascistas e patrióticas, de isolamento crescente do regime; podem e devem contribuir para que uma nova e importante derrota seja imposta à ditadura.

«Transformemos as eleições, com a derrota da ditadura, em novo passo no caminho da formação da Frente Patriótica Antifascista!

«Unamo-nos para conquistar a revogação do Ato Institucional n.º 5 e de toda a legislação de exceção!

«Defendamos a Petrobras da ação espoliadora dos monopólios imperialistas! Abaixo os contratos de risco!

«Lutemos pela anistia dos presos e condenados políticos! Que tenham fim as torturas, os sequestros e assassinatos!

«O Povo brasileiro unido em ampla Frente Antifascista e Patriótica derrotará o fascismo. É para derrotar o fascismo que os comunistas brasileiros conclamam todos os patriotas à unidade e à ação.»

Comitê Central do PCB

CONSOLIDAR A FRENTE PATRIÓTICA E ANTIFASCISTA